A REDAÇÃO DO ENEM COMO GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO: UMA BREVE REFLEXÃO

Daniela de Faria Prado
Rodrigo A. Morato

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. Bolsista da CAPES.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa. Bolsista da CAPES.

Resumo

s estudos sobre gêneros textuais/discursivos hodiernamente ganham proporções significativas. O modelo didático de gênero já é adotado desde as orientações parametrizadoras do ensino de linguagens e é consenso o uso e análise de tais recursos em avaliações como, por exemplo, o ENEM. O presente artigo é composto de um breve percurso teórico que discorre sobre o conceito de gêneros discursivos na visão bakhtiniana e da escola de Genebra, seguido de uma pequena investigação em uma coletânea de redações para o ENEM, em que tentamos refletir e asseverar que o gênero Redação do ENEM já está assim consolidado e tem estruturas relativamente estáveis. Isso porque, para Bakhtin (1999), as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis, visto que as diferentes esferas da atividade humana, entendidas como domínios ideológicos, dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados.

Palavras-chave: Gêneros textuais/discursivos. Redação. Gênero textual. ENEM.

1 Considerações iniciais

O processo da escrita faz parte da vida da maioria dos cidadãos em todo o mundo; esse ato nos permite atuar como sujeitos *na* e *pela* linguagem, na relação homem e mundo, homem e homem no mundo dos homens, e assim inscrever nossa existência e realidade no mundo. Em outras palavras, a escrita nos permite a experiência de existir. A experiência de existir é a experiência de linguagem, porque somente *na* e *pela* linguagem podemos nos relacionar com o outro e com o mundo. Diante disso, o estudo sobre o qual ora nos debruçamos revela nossa tentativa de mostrar essa experiência no momento em que somos avaliados em processos seletivos, mais especificamente no momento da produção de uma redação no Exame Nacional do Ensino Médio, doravante ENEM.

Propomo-nos, então, a partir de uma perspectiva da Análise do Discurso, ou seja, de concepção social e dialógica da linguagem e do sujeito, investigar em que medida a redação do ENEM já se consolida como um gênero. De uma forma geral, este texto busca apontar as seguintes pressuposições: 1) ao levar em consideração que o gênero textual atende a um propósito social, isto é, a uma finalidade/demanda social, conforme a posição de vários teóricos como, por exemplo, Rojo (2001), Miller (2012), Schneuwly (2004), Schneuwly e Dolz (2004), a produção escrita no ENEM, de certo modo, objetiva “aferir” a competência linguística, gramatical e interativa do candidato ao término da educação básica, compondo um texto dissertativo-argumentativo – situado no campo tipológico – a um gênero textual, podendo, então, ser considerada como o gênero redação do ENEM. 2) Do lugar onde nos situamos, apostamos na compreensão da produção escrita no ENEM para além de um tipo textual, acreditamos na tomada de uma posição que vê a produção de escrita como uma experiência de linguagem, já que pressupomos que tal produção constitui-se a partir de uma prática social efetiva que deveria garantir ao candidato (estudante que produz redações no exame do ENEM) o lugar de sujeito *na* e *pela* língua, de modo a revelar sua experiência de linguagem. 3) O querer e o dizer constituem-se de maneiras diversificadas, dependendo das condições de produção dos textos, todavia estes seguem algumas estruturas básicas e estáveis.

Dessa maneira, objetivamos: a) empreender um percurso teórico-metodológico que conjecture sobre a possibilidade de

instituir à produção escrita no ENEM a condição de gênero textual-discursivo e b) observar em relatos e redações de alunos do Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico como e em que medida o processo de preparação e produção da redação do ENEM representa um trabalho de um gênero já instituído.

Tendo em vista as pressuposições apresentadas e para a consecução dos objetivos propostos, estabelecemos um percurso teórico-metodológico que nos orienta sobre as concepções de gênero discursivo.

2 A concepção Bakhtiniana de gênero

Antes do século XX o conceito de gênero já era um assunto discutido por estudiosos da linguagem. Na teoria literária, por exemplo, era utilizado em um sentido muito específico, o sentido literário. Assim, classificavam-se os gêneros clássicos como: dramático, épico, lírico e também os gêneros mais recentes como: conto, drama, novela, etc. Tratava-se, portanto, de uma classificação mais simplista, de critérios enxugados. Foi a partir do início do século XX que Mikhail Bakhtin, pesquisador russo, expandiu a discussão sobre o conceito de gênero textual nos estudos de linguística e literatura, portanto, nos estudos da linguagem. Esse estudioso foi o primeiro a trabalhar o conceito gênero com um sentido amplificado, referindo-se também às diferentes modalidades de texto que são empregadas nas situações cotidianas de comunicação.

De acordo com Bakhtin (1992), todos os textos, sejam de natureza oral ou escrita, apresentam características relativamente estáveis. São essas características que dão forma aos gêneros textuais, e nelas coexistem três aspectos básicos: o tema (ou conteúdo temático), a estrutura (plano composicional) e o estilo (a forma individual de escrever). Para o autor, esses aspectos estão relacionados entre si e são determinados em função das especificidades de cada esfera de comunicação, principalmente pela construção composicional.

Os gêneros estão sujeitos a modificações em virtude do momento social, ou seja, do contexto histórico no qual se inserem. Para Bakhtin (*op. cit.*) cada situação social pode originar um gênero com as características que lhe são peculiares. Se pensarmos na língua como possibilitadora de infinitas situações comunicativas, podemos chegar à conclusão de que ilimitados também são os gêneros textuais, já que eles podem nascer de situações comunicativas ilimitadas.

Para o autor, a existência de novos gêneros está ligada ao surgimento constante e necessário de novas esferas de atividade humana, cujas finalidades discursivas requerem especificidades. Essa enorme heterogeneidade parece, por exemplo, ser uma das razões que levou o autor a realizar uma “classificação”, dividindo os gêneros em primários e secundários.

Na concepção Bakhtiniana, os gêneros primários teriam a ver com espontaneidade comunicativa, seriam normalmente orais, aludindo a situações de comunicação cotidianas, de característica informal, sugerindo um tipo de comunicação mais imediata. Nessa perspectiva, poderíamos considerar como exemplos de gêneros primários: a carta, a lista do supermercado, o bilhete, o diálogo do dia a dia. Os gêneros secundários, por outro lado, tratariam de situações comunicativas mais elaboradas, mais complexas, eles seriam, geralmente, de natureza escrita. Como exemplos de gêneros secundários poderíamos dizer: o romance, o artigo científico, o teatro, o seminário, etc. É importante deixar claro que, para Bakhtin, a essência dos gêneros é sempre a mesma: o enunciado verbal. O que diferencia o gênero primário do secundário é o campo discursivo pelo qual são constituídos.

Nessa perspectiva, os gêneros secundários são constituídos a partir de (re)elaborações dos primários. Desse modo, um diálogo da vida real relatado em um romance perde seu caráter imediato e passa a incorporar em sua forma as características do universo narrativo (e, portanto, complexo) que lhe deu origem, ou seja, nessa situação, o diálogo transforma-se em um acontecimento literário e deixa de ser cotidiano. Vejamos o trecho a seguir, tradução das palavras do autor (Bakhtin/ Médvedev, 1928, p. 130-131) por Rojo:

Um todo artístico de qualquer tipo, isto é, de **qualquer gênero, apresenta uma dupla orientação na realidade e as características dessa orientação determinam o tipo de todo, isto é, seu gênero.** Em primeiro lugar, a obra se orienta para o ouvinte e receptor e para condições definidas de atuação e recepção. Em segundo lugar, a obra orienta-se na vida, de dentro pode-se dizer, por seu conteúdo temático. [...] Assim, a obra participa da vida e entra em contato com os diferentes aspectos da realidade que a circunda, por meio de seu processo de realização efetiva; como **algo produzido, ouvido, lido, em um determinado tempo, em um determinado lugar e em determinadas circunstâncias** [...] ocupa um lugar definido na vida. Toma lugar entre a gente organizada de alguma maneira. As variedades dos gêneros dramáticos, líricos e épicos são determinadas por essa

orientação direta dada pelo mundo como fato, ou, mais precisamente, pelo mundo como acontecimento histórico da realidade circundante” (ROJO, 2008, p. 1.766, grifos nossos).

Diante deste excerto, podemos pensar que a separação entre gêneros primários e secundários bem como os critérios de distinção entre um e outro cristaliza a definição de Bakhtin (1992, p. 279) de que “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

Dito isso, parece-nos pertinente afirmar que a opção por um gênero discursivo em detrimento de outro não é puramente espontânea, pois leva em consideração um conjunto de parâmetros essenciais, como quem está falando, para quem está falando, qual é o objetivo e qual é o assunto do texto. Por exemplo, ao desejarmos contar um caso, real ou imaginário, fazemos uso de gêneros narrativos; mas para orientarmos alguém sobre como fazer alguma coisa (por exemplo, orientar um funcionário sobre suas atribuições), fazemos uso de gêneros instrucionais; para convencer alguém de nossas crenças e pontos de vista fazemos, quase sempre, uso de gêneros argumentativos e explicativos; e assim por diante.

São as intenções, ou seja, parte das condições de produção dos textos que determinam os usos linguísticos que originarão os gêneros. Nessa perspectiva, o ato de fala se constitui de maneiras diversificadas, de acordo com o querer e o dizer de quem enuncia.

É importante salientar que a capacidade em operar/trabalhar/escolher um gênero está diretamente ligada ao domínio que temos em relação a ele. Isto é, quanto maior for essa familiaridade, mais facilidade teremos em empregá-lo de forma adequada nas situações comunicativas em que estivermos inseridos. Para Bakhtin, é a própria (com)vivência nas situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso que exercitam a competência linguística de quem os produz. É a competência linguística dos interlocutores que auxilia na aceitação, ou não aceitação, nas diversas práticas sociais. Quanto mais experiente o sujeito, maior será a sua competência em reconhecer um gênero e a estrutura que ele compõe.

Compreender, portanto, como a emersão de um gênero organiza-se numa forma e num estilo que atende a uma exigência institucional, relacionado-a às determinações estruturais, constituindo um determinado gênero é a proposta deste artigo. O que pretendemos mostrar aqui é como um novo gênero se constitui a partir de determinadas práticas sociais.

Na próxima seção trataremos de como mecanismos de textualização e enunciação constituem um gênero discursivo.

3 Mecanismos de enunciação e textualização na constituição do gênero discursivo

Conforme apontamos na seção anterior, o gênero nasce de uma necessidade humana em um determinado espaço sócio-histórico-cultural. A partir dessa concepção, podemos pensar que tanto os textos quanto os gêneros são resultados de experiências e, portanto, de atividades humanas. Eles possuem uma série de princípios e parâmetros que se ancoram em um determinado contexto situacional, em uma estrutura e em regras do sistema linguístico. Tais princípios e parâmetros dependem das decisões de quem produz o texto, já que é quem fala que escolhe a maneira segundo a qual deseja falar (o gênero) e, conseqüentemente, toda a arquitetura interna do texto.

É diante de uma reflexão que vai ao encontro dessas ideias que Bronckart (1999), representante da escola de Genebra, propõe um modelo de análise de textos, tentando explicar que operações psicológicas estão por trás da produção textual, uma vez que, para nós (leitores e produtores de textos), a produção textual está também a serviço do gênero discursivo, tal como na proposta bakhtiniana.

Para Bronckart, a ideia de texto, de tipos de discurso está voltada para recursos linguísticos nas atividades sociais; ele entende os fatos linguísticos como constitutivos da atividade social em que uma produção social pode ser compreendida como um gênero, uma construção social que revela, mais ou menos explicitamente, as interseções de dependências entre o contexto social e as produções de linguagem.

Por essa abordagem, podemos pensar que produzir um texto implica a realização de escolhas em relação à organização e seleção das unidades composicionais que o integram. Nessa perspectiva, o autor assera que a organização do texto

1 Para explicitar a organização interna do texto, isto é, sua estrutura composicional, Bronckart lança mão da metáfora do “folhado textual”. A expressão “folhado textual” se refere, portanto, à uma estrutura hierárquica que organiza a composição textual.

assemelha-se a um *folhado textual*¹ constituído por três níveis sobrepostos, a saber: a) a infraestrutura geral do texto, b) os mecanismos de textualização e c) os mecanismos enunciativos.

A infraestrutura seria o nível mais profundo, onde se incluem as operações que permitem dar conta não só do plano geral do texto (organização do conjunto e do conteúdo temático), mas também da constituição de sequências textuais, como os tipos de discurso e as modalidades de articulação possíveis entre eles. Os planos textuais estão em função do gênero que dá forma ao texto, à natureza do conteúdo temático e aos parâmetros da produção.

O segundo nível da proposta de Bronckart seria o que ele chamou de *mecanismos de textualização*. Os mecanismos de textualização têm a função de assegurar a organização temática dos textos. São mecanismos de conexão, coesão verbal e coesão nominal. *Grosso modo*, eles têm o papel de alinhar a temática do texto a sua infraestrutura. É alicerçado mais especificamente no segundo nível proposto por Bronckart que nosso trabalho ganha força, como veremos mais à frente, na seção seguinte.

O terceiro nível, dos mecanismos enunciativos, é o de menor força, isso porque podemos dizer que ele é pouco dependente da linearidade e da progressão temática do texto. A função dos mecanismos é a de manter a coerência pragmática do texto, permitindo o movimento das vozes do texto. É pelos mecanismos enunciativos que se pode construir compromissos enunciativos (julgamentos, preconceitos, declarações, crenças, etc.), isto é, compromissos com os interlocutores do texto no que diz respeito à orquestração das vozes em uma perspectiva pragmática.

Podemos resumir a organização estrutural do texto feita por Bronckart da seguinte maneira:

FIGURA 1 – Organização estrutural do texto

Fonte: Elaborada pelos autores.

Até aqui podemos perceber claramente uma abordagem completamente interacionista e pragmática.

Metodologicamente, podemos pensar que os estudos de Bronckart centram-se no estudo das situações de produção dos enunciados.

Se tanto os estudos de Bakhtin (1992) quanto os de Bronckart (1999), Dolz (2004) e pesquisadores do Grupo de Genebra privilegiam os fatos sociais na elaboração e na construção do gênero textual, então podemos pensar nas redações do ENEM como um fato social marcado e bem delimitado, como veremos a seguir.

4 Redações do ENEM: um gênero discursivo

Propor uma reflexão a respeito do conceito de gênero textual nos parece ser uma boa oportunidade para a construção de um diálogo entre perspectivas de trabalho que ora se distanciam, ora se aproximam. Diferentes abordagens impulsionam várias discussões teóricas sobre o desenvolvimento de uma pedagogia com foco central no ensino e na aprendizagem a partir dos usos sociais da língua. E é com esse olhar que agora apresentamos um breve ensaio sobre uma pequena coletânea de redações do ENEM. Nosso objetivo não é afirmar uma concepção se sobrepondo a outra. Ao contrário, o que se pretende aqui é uma discussão sobre o enquadramento das redações do ENEM como um gênero discursivo, sobretudo em função das instruções do exame, que as delineiam como um *“texto dissertativo argumentativo em prosa”*.

Primeiramente, parece ser pertinente discutirmos a expressão *“texto dissertativo argumentativo em prosa”*. Essa definição está muito mais próxima de um modelo generalista de discurso do que propriamente de um gênero textual. Diversos gêneros textuais podem ser do tipo dissertativo argumentativo em prosa como, por exemplo: um artigo de revista ou até mesmo uma carta. Parece que essa definição tem a ver com ideia de finalidade. Tais tipos de texto consistem na ideia de defesa de um assunto por meio de argumentos e explicações na formação de opinião do leitor, ou seja, caracterizam-se por tentar convencer ou persuadir o interlocutor da mensagem, mas sem explicitar o discurso de primeira pessoa e valendo-se de uma lógica argumentativa.

Um grupo de 50 alunos do ensino médio de duas escolas públicas de Minas Gerais² foi submetido a duas perguntas de múltipla escolha com o objetivo de compreender qual seria

2 As escolas a que nos referimos são a Escola Estadual Zico Barbosa, em Onça de Pitangui, e o Instituto de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

o entendimento (por parte dos discentes) do que seja texto dissertativo argumentativo na educação básica.

Os alunos tiveram que vincular o conceito de dissertativo argumentativo à ideia de gênero textual, de modelo de discurso ou de maneira de escrever. As três proposições foram feitas com o objetivo de compreender como tais categorias tão trabalhadas com estudantes que serão submetidos ao teste do ENEM, pois, ao trabalhar com redações do ENEM, o professor trabalha com as noções de estrutura, composição e estilo de escrita.

1 – O que é um texto dissertativo argumentativo em prosa?
2 – O que é uma redação do ENEM?
um gênero b)um modelo de discurso c)uma maneira de escrever

As respostas obtidas foram:

GRÁFICOS 1 e 2 – Respostas dos estudantes

Pergunta 01

Pergunta 02

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados dessa rápida pesquisa revelam que, para a grande maioria dos alunos entrevistados, isto é, alunos que fazem o ENEM, a definição de texto dissertativo em prosa não é de gênero (76% negam a definição como sendo gênero), mas a redação do ENEM, sim (72% apontam a redação do ENEM como sendo um gênero). O fato de os “autores” de redações do ENEM afirmarem que estão trabalhando com gênero é um fato importante, pois estamos lidando com aqueles que produzem o texto. São eles que pensam sobre o que escrever, para quem escrever e como escrever. Sem uma concepção do que é uma redação do ENEM, o aluno corre o risco de não conseguir desenvolver o que é pedido por esse exame.

Mais do que saber como os alunos concebem a redação do ENEM, é importante mostrar como as redações do ENEM podem revelar, ou não, um determinado padrão capaz de confirmar seu enquadramento em um gênero do discurso. O que segue são dados de uma coletânea de vinte e seis redações do ENEM de alunos de uma mesma escola de Ensino Médio.³

3 As redações coletadas foram de alunos do terceiro ano do ensino médio do Instituto Federal de Minas Gerais, *campus* Paracatu.

As redações são de temáticas diferentes, coletadas em turmas diferentes. Os aspectos observados foram os seguintes:

I. Extensão das redações em parágrafos:

01 parágrafo	03 parágrafos	04 parágrafos	05 parágrafos
01	11	14	01

GRÁFICO 3 – Extensão das redações em parágrafos

Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos observar, existe um padrão mais ou menos estável no que diz respeito à estrutura das produções. Elas seguem um padrão estético no que se refere à estruturação física.

GRÁFICO 4 – Extensão dos parágrafos, abertura e fecho

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos notar aqui uma oscilação na extensão dos parágrafos, mas, mesmo oscilando, percebemos um padrão. A maioria dos parágrafos se revelou com construções curtas, entre quatro e seis linhas. Considerando que as redações analisadas foram feitas a mão, a variação de tamanhos já era esperada, afinal, a caligrafia de alguns alunos é maior do que a de outros. Além disso, ficou evidente que a abertura e o fecho dos parágrafos obedeciam a escolhas lexicais semelhantes. A maioria dos parágrafos, 96% (com exceção do primeiro parágrafo de cada redação) foi iniciado com algum operador argumentativo.

GRÁFICO 5 – Uso de operadores argumentativos (O.A.) por redação (agrupamentos de 1 a 6 operadores utilizados em cada redação)

Fonte: Dados da pesquisa.

A utilização e distribuição de operadores argumentativos nas redações, isto é, a demonstração de habilidade de articulação linguística dos alunos também parece ter uma estabilidade relativa. Os textos analisados mostram que os alunos constroem um determinado padrão argumentativo. Os dados sugerem um “engessamento” da utilização dos operadores argumentativos. Embora sejam essências para o fluxo linguístico, eles também têm possibilidades de ocorrência limitadas.

II.

GRÁFICO 6 – Construções de períodos simples (P.S.) X períodos compostos (P.C.)

Fonte: Dados da pesquisa.

A comparação qualitativa das redações, no que tange à distribuição de períodos oracionais em cada parágrafo, é bastante reveladora. Evidencia a existência de uma estabilidade muito grande na construção dos períodos compostos.

Analisando os quatro aspectos destacados anteriormente,

percebemos que o que encontramos é mais do que um texto dissertativo argumentativo em prosa, pura e simplesmente. Para nós, é evidente que existe um fazer bastante peculiar ao *corpus* em questão no que diz respeito à estruturação física dos textos analisados.

Além disso, é imprescindível também destacar a estrutura composicional das produções investigadas. Sem dúvida, a composição física de um texto é um fator importante, mas ela não é o único ou principal argumento para a consolidação de um gênero textual. Nesse sentido, vale então questionar: o que faz, de fato, a redação do ENEM ser um gênero textual?

O que faz a redação do ENEM se configurar como um gênero textual não é apenas a evidência de que estamos tratando de uma possibilidade de se considerar a língua em uso para fins que atendam a determinada demanda social, que, no caso do ENEM, podem ser ingresso em uma universidade ou a conclusão do ensino médio, por exemplo. Estamos lidando com um tipo de texto que solicita ao enunciador uma apreciação crítica, uma opinião e uma proposta de solução para um problema social, como se pode ver nos excertos a seguir:

FIGURA 2 – Trechos de redações.

Exemplo 1:

Conclui-se que precisa por todos os
seus órgãos judiciais, núcleos de
apoio psicológico e físico para as
vítimas e literalmente ajudá-las
a ser resgatadas de melhor forma
as ocorrências. Simultaneamente a lei
deveria entrar em vigor.

Exemplo 02:

A solução para esse problema seria a sociedade e governo darem
mais atenção para esse problema, e também incentivarem
as mulheres a denunciarem.

Exemplo 3:

Infelizmente existe a impunidade. A justiça
deixar dúvidas, permitindo de forma in-
consciente que os culpados não paguem por seus
crimes. Mas também, se as mulheres fossem mais
encorajadas a se defenderem, estas coisas se-
riam diferentes. O governo juntamente com a mídia
poderiam promover campanhas, assim as vici-
mas teriam proteção da mulher seriam dispostas
a população, e ela ajudaria no momento di-
vergente aos crimes contra as mulheres.

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se perceber nos exemplos e em todo o *corpus* analisado mais que um padrão estrutural, mas também um padrão composicional de determinadas ocorrências lexicais (mesmos tipos de verbos (ter, dever, existir) e advérbios (felizmente, infelizmente), por exemplo), o que evidencia, mais uma vez, que, embora haja uma variação textual, esta é pouco comprometedora. Ao contrário, são as pequenas variações que garantem vida ao gênero e relativizam sua estabilidade, tal como compreendido por Bakhtin. O quadro abaixo ilustra verbos e advérbios que apareceram nas redações dos alunos, seguidos de porcentagem de ocorrências nas produções analisadas:

QUADRO 1 – Verbos e advérbios nas redações dos alunos

VERBOS		ADVÉRBIOS	
Ter	(92,1%)	Infelizmente	(87,5%)
Fazer	(89%)	Felizmente	(47%)
Dever	(93,4%)	Juntamente	(62%)
Mudar	(73%)	Literalmente	(43%)
Defender	(62%)	Conscientemente	(29%)
Ajudar	(72%)	Violentamente	(87,6%)
Poder	(97%)	Hoje	(93,4%)
Entrar	(58%)	Atualmente	(96%)

Fonte: Dados da pesquisa.

Para Bakhtin, não faz sentido pensar em gêneros como produtos acabados e homogêneos. Além disso, há dentro de um gênero outros gêneros. Eles se desenvolvem em relação com as esferas de atividade em que circulam e em que se constituem. E é justamente por isso, dadas as especificidades e condições de produção das redações do ENEM, que, a partir do *corpus* com o qual trabalhamos, podemos afirmar que a redação do ENEM é, sim, um gênero discursivo.

5 Considerações finais

Neste breve trabalho, buscamos apresentar sucintamente uma retomada da literatura sobre gêneros textuais e associar tais postulados à realidade da sala de aula de Língua Portuguesa, bem como aos espaços de interação e uso dos gêneros textuais.

É importante salientar a importância de tantos trabalhos que

buscaram e buscam um entendimento mais preciso a respeito dos gêneros textuais e dos princípios capazes de explicar ou, pelo menos, de descrever o modo como produzimos o mundo e nele agimos. Assim, é coerente assertar que escolhemos trabalhar com um retorno e reflexão acerca do gênero discursivo redação do ENEM por se tratar de uma discussão bastante contemporânea e pertinente aos modelos teóricos que aqui apresentamos. Além disso, também levamos em consideração o fato de estarmos lidando com um artefato social, ou seja, uma ferramenta demandada pelo homem para interagir com o homem em seu meio de maneira organizada e efetiva.

Por fim, cabe frisar que conceber gêneros textuais à luz de importantes pesquisadores é também afirmar a produção enunciativa como parte consolidadora das atividades humanas. Esse entendimento faz conhecer um sujeito produtor de língua e linguagem, de textos e de discursos e, além disso, também revela que o trabalho com o gênero é imprescindível não somente para os estudos da linguagem, mas para a própria reconstrução da compreensão do homem em seu agir e comunicar-se *no* e *pelo* mundo.

ABSTRACT

Studies on text genres in our times gain significant proportions. The teaching model of genre is adopted from the parameterizer guidelines of the teaching of language and is consensus in the use and analysis of such resources on assessments such as the ENEM. This paper is composed by a brief theoretical reflection that discusses the concept of genres in Bakhtin's (1999) and the Geneva's school view, followed by a small research on a collection of essays written for the ENEM, in which we tried to reflect and affirm that the genre ENEM Essays is already well consolidated and has structures relatively stable. This is because, for Bakhtin (1999), the relations between language and society are inseparable, since the different spheres of human activity, understood as ideological domains, dialogue and produce in each sphere relatively stable forms of statements.

Keywords: Discursive speech genres. Essay. Textual genre. ENEM.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326. Original publicado em 1952-53.

BRASIL. **Guia do Participante**: a redação do ENEM. 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2016.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos**: Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1999.

MILLER, Carolyn R. Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, J. (Org.). **Gênero textual, agência e tecnologia**. SP: Parábola, 2012. p. 43-55.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin**: ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. SIGET, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. Tradução de Roxane Rojo e Gláís S. Cordeiro. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 21-39.

Recebimento: 15/18/2016

Aceite: 25/09/2016